

Pesquisa narrativa no contexto da Educação Profissional e Tecnológica

Suiane Bezerra da Silva¹

1. Introdução

Nós, seres humanos, somos contadores de histórias por natureza. Os registros feitos em cavernas para ilustrar acontecimentos vividos são exemplos de que há muito tempo o homem (quando ainda nem era chamado assim) já se manifestava narrativamente. Clandinin e Rosiek (2007, p. 35) destacam que:

Os seres humanos viveram suas vidas e contaram histórias sobre elas desde que começamos a conversar. A partir de então, temos conversado sobre as histórias que contamos. Essas histórias vividas e contadas e a fala sobre elas é uma das formas que usamos para encher o nosso mundo de significado e conseguir assistência mútua na construção de vidas e comunidades.² (tradução minha)

Muitas são as definições de narrativa: “uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em seqüência; um relato de acontecimentos; uma seqüência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc” (PAIVA, 2013).

Polkinghorne (1988, p. 13) define que “o ‘termo’ ‘narrativa’ pode se referir ao processo de construção de uma história, ao esquema cognitivo de uma história ou

¹Doutoranda em Linguística (UFSCar), mestre em Linguística (UnB), docente de português (IFB). E-mail: suiane.silva@ifb.edu.br. Orcid: 0000-0001-6101-7867.

²Texto original: Human beings have lived out and told stories about that living for as long as we could talk. And then we have talked about the stories we tell for almost as long. These lived and told stories and the talk about the stories are one of the ways that we fill our world with meaning and enlist one another's assistance in building lives and communities.

ao resultado do processo – também chamado ‘estórias’³ (stories), ‘contos’, ou ‘histórias’”.

Podemos concluir, então, que contar histórias não é algo recente. O que é novo, segundo Clandinin e Rosiek (2007, p. 35), são as metodologias narrativas como campo de pesquisa. Segundo Telles (1999, p. 80), “a pesquisa narrativa tem suas origens na Poética de Aristóteles e nas confissões de Santo Agostinho”. Por sua característica abrangente, a narrativa possui livre trânsito em diversos campos do conhecimento, como teoria literária, filosofia, psicologia, educação, linguística e diversos outros. São, portanto, diversas as maneiras de se fazer pesquisa narrativa. É por essa razão que se faz necessário definir o tipo de pesquisa narrativa que se está realizando. O objetivo deste capítulo é caracterizar os tipos de pesquisa narrativa, segundo Gary Barkhuizen (2020); apresentar um modelo de pesquisa narrativa desenvolvido por Clandinin e Connelly (2000); e mostrar como a pesquisa narrativa pode contribuir no contexto de educação profissional e tecnológica.

2. O fazer narrativo em diferentes dimensões

Gary Barkhuizen, professor na área de estudos em Linguística e Linguística Aplicada, na Universidade de Auckland, Nova Zelândia, e pesquisador no campo de investigação narrativa e outras metodologias qualitativas, delineou cinco “dimensões que refletem os fatores fundamentais da investigação narrativa. Elas não apenas caracterizam o que os pesquisadores narrativos realmente fazem, mas sinalizam o tipo de decisões que eles tomam em cada estágio do processo de pesquisa”⁴ (BARKHUIZEN, 2020, p. 190. Tradução minha). O autor ainda acrescenta que “cada dimensão é um continuum, e qualquer ação ou decisão metodológica estaria em algum ponto ao longo do continuum”⁵ (BARKHUIZEN, 2020, p. 190. Tradução minha). Barkhuizen desenvolveu essas dimensões a partir de estudos recentes sobre investigação narrativa e, apesar de estarem dispostas separadamente, elas estão interconectadas. Além disso, nem sempre as cinco dimensões estarão presentes

³O termo “estórias” é usado por Polkinghorne com o sentido de “Narrativa de ficção, oral ou escrita” (<https://dicionario.priberam.org/est%C3%B3rias>).

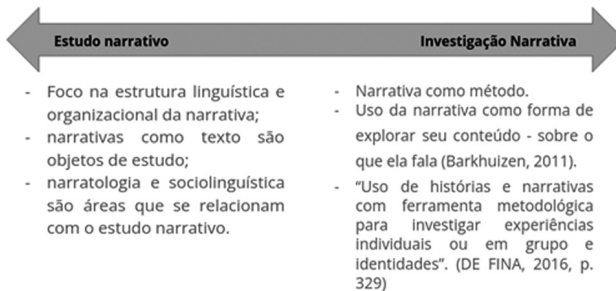
⁴Texto original: [...] dimensions that reflect the fundamental features of narrative inquiry. These dimensions not only characterize what inquirers actually do but signal the kind of decisions they make at every stage of the research process.

⁵Texto original: Each dimension is a continuum, and any methodological action or decision would lie at some point along the continuum.

nas pesquisas – pois cada estudo tem seu próprio desenho e singularidade –, mas as que estiverem ativas devem ser inter-relacionadas.

A primeira dimensão faz uma distinção entre estudo narrativo e investigação narrativa. Ao preocupar-se com a estrutura da narrativa, o pesquisador aproxima-se mais do estudo narrativo; o objetivo é estudar narrativas para determinar sua estrutura linguística e organizacional. Nessa perspectiva, as narrativas como texto se configuram como objeto de estudo. As áreas que se relacionam com esse estudo são a sociolinguística ou a narratologia; os estudiosos nessa área consideram o estilo da narrativa e a maneira de contar como construtos culturais, ou seja, as características da história e como ela é contada são determinadas pela cultura (DE FINA, 2016). Por outro lado, na investigação narrativa, o foco está em considerar a narrativa como método em que se investiga um fenômeno, ou seja, o uso da narrativa como uma forma de explorar seu conteúdo – sobre o que ela fala, o que foi dito, por que, quando, onde, por quem (BARKHUIZEN, 2011). De Fina (2016) caracteriza a investigação narrativa como “estudos que usam histórias e contação de histórias como uma ferramenta metodológica para investigar experiências e identidades individuais e de grupo”⁶ (p. 329. Tradução minha.). É importante ressaltar que, como um *continuum*, as pesquisas podem estar situadas ao longo dessa linha, possuindo características mais de um polo que de outro ou assumindo um caráter misto. Podemos sintetizar os conceitos acima discutidos a partir da figura a seguir:

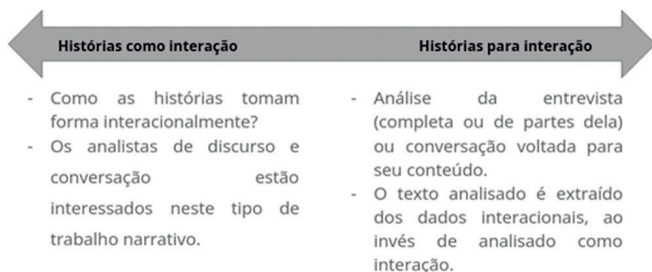
Figura 1: Dimensão 1 - *Continuum* do estudo narrativo e da investigação narrativa



Fonte: Barkhuizen, 2020⁷

A segunda dimensão se relaciona com os conceitos de narração e de interação. Em autobiografias e autoetnografias, os autores narram suas histórias e depois as publicam em revistas, livros etc. Também é possível construir narrativas de outras pessoas, mesmo que de maneira mais passiva, a partir da coleta de dados feita por um pesquisador sobre a realidade de um professor de línguas, por exemplo. Já a interação face a face, como no caso de entrevistas e conversas, as histórias são co-construídas. “A segunda dimensão consiste na análise de histórias que são construídas no processo de interação de fala, em que a fala é considerada uma narração” (BARKHUIZEN, 2020, p. 190. Tradução minha)⁸. Kasper and Prior (2015) distinguem dois tipos de abordagem para análise de entrevistas: as histórias como interação e as histórias para a interação. A abordagem de histórias como interação foca em como as histórias tomam forma interacionalmente, isto é, a performance colaborativa e co-construída das histórias. Os analistas de discurso e conversação estão interessados neste tipo de trabalho narrativo. Por outro lado, nas histórias para a interação, os pesquisadores estão interessados em analisar excertos de entrevistas ou conversas e sobre o que tratam, ou seja, seu conteúdo. O texto analisado – que pode ser ou não em formato de história – é, portanto, extraído dos dados interacionais, ao invés de analisados como interação. Contudo, é importante lembrar que, como se trata de um *continuum*, nada impede que uma análise de histórias como interação também utilize elementos da análise para a interação, como a observação do conteúdo extraído da conversa. A seguir, apresento o *continuum* que ilustra os conceitos da segunda dimensão:

Figura 2: Dimensão 2 - *Continuum* das histórias como interação e para a interação

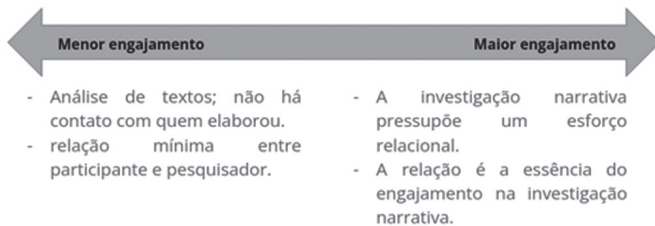


Fonte: Barkhuizen, 2020

⁸Texto original: The second core dimension concerns the analysis of stories that are constructed in the process of talk-in-interaction, where the talk is considered to be storytelling.

A discussão travada no terceiro *continuum* é a respeito do maior ou menor grau de engajamento na pesquisa. Entenda-se por engajamento o grau de influência do pesquisador sobre a análise dos dados do estudo. O engajamento do pesquisador tem um papel muito especial na pesquisa narrativa, porque seu foco central são as vidas e as histórias dos participantes, ou seja, dos narradores. Muitos podem argumentar que essa característica é comum a qualquer estudo de natureza qualitativa. No entanto, para a pesquisa narrativa, as narrativas compartilhadas dizem respeito a experiências de vida dos participantes, que podem ser profundas, sensíveis e serem de interesse permanente (CHASE, 2003). Para Josselson (2007), o esforço relacional é inerente ao se fazer pesquisa narrativa. É por isso que se torna de total relevância a ética relacional entre pesquisador e participantes. As histórias narradas podem ser extremamente íntimas, delicadas, confidenciais. Isso requer sensibilidade e cuidado por parte do estudioso. Essa relação é a essência da pesquisa narrativa: há, portanto, o engajamento com as histórias de vida dos participantes. Nessa perspectiva, as pesquisas narrativas costumam assumir a posição do lado direito do *continuum*.

Figura 3: Dimensão 3 - Continuum do menor e maior engajamento

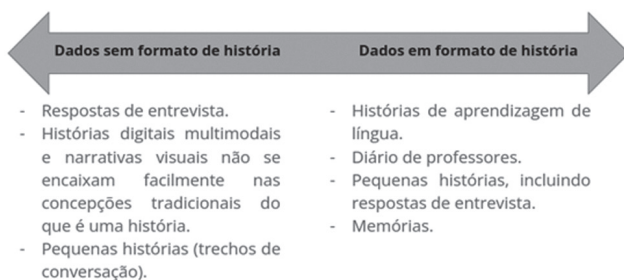


Fonte: Barkhuizen, 2020

A quarta dimensão diz respeito ao formato dos dados que os pesquisadores narrativos geram. Algumas vezes os dados possuem muita semelhança com histórias, como um professor que escreve uma história e a publica num jornal e essa história constitui como dado para certa pesquisa narrativa. Por outro lado, os dados podem não configurar um formato de história, como uma resposta a uma pergunta feita em entrevista. Isso significa que nem todos os estudos classificados como narrativos geram dados em formatos clássicos de história. Ademais, as definições de história podem variar de pesquisador para pesquisador e de culturas para culturas, sendo, portanto, irreal definir um conceito único. Por

exemplo, histórias digitais multimodais (sem conteúdo escrito) ou narrativas visuais (desenhos, fotografias) não se encaixam exatamente no conceito tradicional de história. Outro exemplo são as pequenas histórias que podem não ser consideradas histórias de fato, por serem meros fragmentos de conversa ou entrevistas, sem estrutura narrativa pré-definida. O objetivo desse *continuum*, portanto, é posicionar os dados gerados nos estudos como mais ou menos próximos de uma estrutura de história. Barkhuizen (2016) considerou as narrativas em formato de histórias como aquelas que possuiriam as seguintes características: a) narrassem experiências do passado ou do futuro (possibilidade do que poderia acontecer); b) incluíssem comentários reflexivos ou avaliativos sobre as experiências (comentários que retratassem emoções e crenças associados às experiências); c) possuísem uma dimensão temporal, ou seja, uma narrativa que ocorresse num período no tempo; d) incorporassem a ação, isto é, as ações aconteceriam num espaço e num tempo; e e) fizessem referência, implícita ou explicitamente, a quem estava envolvido na ação, quando a ação foi realizada e onde ela aconteceu. A partir dessas características, o pesquisador narrativo conseguiria posicionar seus dados do lado direito do *continuum*. A seguir, apresento uma figura que ilustra as principais características da dimensão 4.

Figura 4: Dimensão 4 - *Continuum* de dados sem formato de história e em formato de história

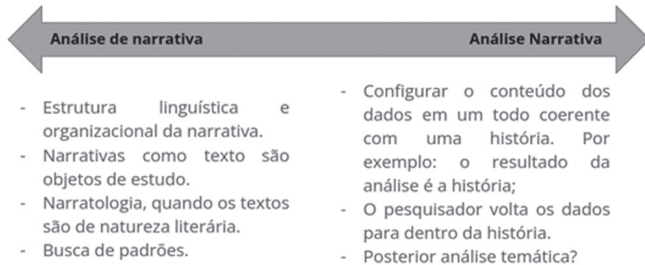


Fonte: Barkhuizen, 2020

Por fim, a quinta dimensão apresenta uma diferenciação entre análise de narrativa e análise narrativa. Barkhuizen (2016), trazendo conceitos de Polkinghorne (1995), caracteriza a análise de narrativa como aquela análise que categoriza os dados por temas ou conteúdos, observando padrões de associação entre eles. Já a análise narrativa envolve a configuração do conteúdo dos dados dentro de um produto narrativo, ou seja, o resultado da análise é

uma história. O pesquisador, então, retorna os dados (entrevistas, observações, diários) em formato de história. Caso um estudo faça uso da análise de narrativas, ele se situará do lado esquerdo do *continuum*; por outro lado, caso faça uma análise narrativa, seu lugar será do lado direito do *continuum*. Entretanto, os estudos podem fazer uso dos dois tipos de análise para seus dados, como no caso do trabalho de Ngo (2018), que apresenta tanto a análise narrativa como a análise de narrativas ao longo de seu estudo sobre desenvolvimento da cognição da escrita da L2 de professor. Seu lugar, então, será ao longo do *continuum*.

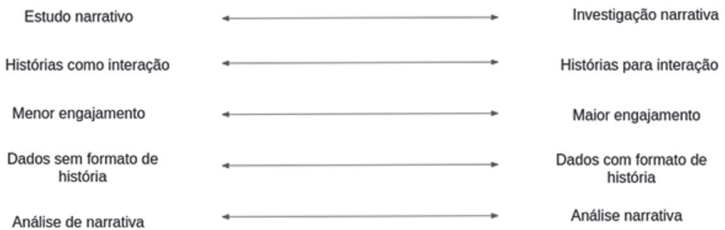
Figura 5: Dimensão 5 - *Continuum* de análise de narrativa e análise narrativa



Fonte: Barkhuizen, 2020

A partir desse panorama feito por Barkhuizen (2020), o pesquisador narrativo pode delinear suas pesquisas e tomar decisões metodológicas que melhor se adequem à realidade de seus estudos. Para melhor visualização, a figura a seguir ilustra as cinco dimensões descritas por Barkhuizen.

Figura 6: Panorama da cinco dimensões propostas por Barkhuizen (2020)



Fonte: autora

3. Pesquisa narrativa segundo Clandinin e Connelly (2000)

A pesquisa narrativa, para Clandinin e Connelly (2000), é uma forma de compreender a experiência do indivíduo. Uma das formas de se refletir sobre a experiência é através de narrativas. A pessoa conta e reconta sua história e, também nesse movimento, é capaz de refletir, repensar sobre o que se passou e, até mesmo, ressentir ou sentir novas experiências a partir das narrativas recontadas.

A pesquisa narrativa se interessa por ouvir as histórias dos participantes, de forma a entender como eles veem, pensam e interpretam algum acontecimento da vida deles. Portanto, não basta observar o comportamento das pessoas e a forma como elas interagem entre si e com o meio, pois, na pesquisa narrativa, “os significados que alguém constrói ou compõe é interno (de dentro) e externo (para fora) e é por isso que precisamos ouvir as histórias das pessoas”(MELLO, 2004, p. 93). Para a pesquisa narrativa, as histórias não são apenas um texto, mas sim a “experiência vivida, contada e recontada” (MELLO, 2004, p. 96).

O construto de experiência, considerado na pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2000), amparou-se nas teorizações do filósofo e pedagogo John Dewey. Para Dewey, as experiências envolveriam sempre uma interação (seja ela entre pessoas ou entre o indivíduo e o meio) que ocorreria numa determinada situação ou contexto, além de ser produto de uma experiência anterior e dar suporte para uma experiência posterior. É o que Dewey chamou de tridimensionalidade, em que a interação, situação e continuidade estão juntas e relacionadas. Esses conceitos foram transpostos para a pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2000) e receberam o nome de sociabilidade, lugar e temporalidade, respectivamente. A seguir, apresento o conceito de cada um deles.

A sociabilidade está relacionada ao respeito e à atenção voltados às condições dos participantes da pesquisa, bem como aos seus sentimentos, sensações, desejos, esperanças etc. Um pesquisador narrativo deve considerar as circunstâncias sociais pelas quais foram vividas as experiências de seus participantes. Deve, ainda, se perguntar: se as condições fossem diferentes, a história seria outra? Alguns sentimentos estariam presentes se a situação fosse oposta? Como seria a experiência se a relação entre as pessoas dentro da sala de aula tivesse sido distinta? Essas indagações a respeito das condições pessoais e sociais dos

indivíduos que vivem suas experiências permitem que se estabeleça um movimento de dentro para fora (introspectivo e extrospectivo), percurso feito na metodologia da pesquisa narrativa (MELLO, 2004).

O conceito de lugar, para Connelly e Clandinin (2004, p.10), são os “limites concretos específicos, físicos e topológicos do lugar onde a investigação e os eventos se desenrolam”. O lugar influencia a experiência das pessoas; pode, até mesmo, influenciar a forma com que se conta a história. Diante disso, cabe perguntar, na pesquisa narrativa, se as experiências seriam outras se o lugar em que elas estão sendo contadas fosse diferente? Ou, se o professor tivesse estudado no mesmo lugar em que agora ensina, as histórias contadas seriam iguais? Nesse tipo de pesquisa, portanto, deve-se levar em conta a influência do meio sobre o sujeito.

A temporalidade na pesquisa narrativa considera que cada indivíduo tem um passado, um presente e um futuro. Ações do passado podem reverberar em atitudes presentes e estas podem prospectar atos futuros, ou seja, “uma pessoa tem uma certa história associada a um comportamento ou ações específicas vividas no tempo presente que podem estar projetando uma possibilidade no futuro”⁹ (CONNELLY; CLANDININ, 2004, p. 10). Portanto, ao compor os significados de uma história, o pesquisador narrativo deve preocupar-se não só com aquilo que ocorreu hoje, mas também com os acontecimentos pretéritos que propiciaram a ocorrência da história corrente e como elas poderão projetar o futuro.

A tridimensionalidade, portanto, faz parte da metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2000) e precisa ser considerada pelo pesquisador na análise das histórias narradas pelos participantes da pesquisa.

A fim de dialogar com a seção anterior, em que apresentei as dimensões da pesquisa narrativa segundo Gary Barkhuizen (2020), consigo situar a pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly na perspectiva da investigação narrativa que, a partir das histórias para interação, e assumindo o engajamento do pesquisador, revela os dados em formato de história, fazendo, assim, uma análise narrativa.

⁹Tradução de Mello (2004) do trecho: ...a particular person had a certain kind of history, associated with a particular present time behaviors or actions that may seem to be projecting in particular ways into the future

4. A pesquisa narrativa e o método qualitativo

Atualmente, na ciência, há dois métodos responsáveis por delinear o percurso metodológico de trabalhos científicos: o quantitativo e o qualitativo.

O método quantitativo enfatiza uma realidade exterior, possível de ser analisada objetivamente e cujos resultados podem ser repetidos e generalizados para se obter verdades universais (HAYATI; KARAMI; SLEE, 2006); além de uma preocupação com a objetividade, pré-formulação de hipóteses, busca por resultados exatos e pouca ou nenhuma relação entre pesquisador e pesquisado.

Por outro lado, o método qualitativo busca reflexões e interpretações do real sem deixar de considerar o contexto em que o indivíduo está inserido. A pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 13). Na pesquisa qualitativa, pesquisadores e participantes se conhecem e estabelecem relações.

A pesquisa narrativa, por sua natureza, se enquadra no método qualitativo, contudo, não é apenas uma pesquisa qualitativa. Há especificidades na pesquisa narrativa que a define e a delimita de outras pesquisas de cunho qualitativo e o trabalho com histórias é uma das principais diferenças.

A pesquisa narrativa interessa-se por ouvir as histórias dos participantes em diferentes contextos, como ouvir os funcionários de uma empresa sobre os processos nela vividos; ou trabalhar a pesquisa narrativa com aprendizes de língua estrangeira. São essas histórias que permitem que o pesquisador vá interpretando seu material de campo.

Além disso, Clandinin e Connelly (2000) consideram a pesquisa um trabalho conjunto entre pesquisador e participantes e sugerem que pesquisadores componham seus textos de pesquisa juntamente com seus pesquisados. Tal preocupação se aproxima do que a pesquisa narrativa chama de ética relacional (CLANDININ; CONNELLY, 2000), que, dentre outras coisas, é a relação amistosa e respeitosa estabelecida entre pesquisador e participantes de pesquisa. Portanto, a pesquisa narrativa procura zelar pela integridade de seus participantes e por suas histórias contadas.

A partir dessa breve conceituação da pesquisa narrativa e estabelecimento de seu lugar dentro do método qualitativo, na próxima seção, apresento como pode ser feita a análise de dados

na pesquisa narrativa e os critérios utilizados para sua validação.

5. Análise dos dados e validação dos resultados na pesquisa narrativa

A pesquisa narrativa estabelece alguns caminhos para a reflexão e interpretação dos fenômenos estudados. O pesquisador narrativo, após sua estada no campo, analisa o material que coletou. Clandinin & Connelly (1998) fazem uma distinção entre o que é coletado no campo e o que é produzido pelo pesquisador após sua análise. Quando estão no campo, os pesquisadores coletam histórias¹⁰ dos participantes que são chamadas de texto de campo. A partir dessas, o pesquisador escreve as narrativas, intituladas de textos de pesquisa, baseadas naquilo que foi dito por seus participantes. Não se trata apenas de um redizer aquilo que já havia sido dito: a partir desse recontar, o pesquisador vai analisando, refletindo e compondo os sentidos nos textos de pesquisa.

Na pesquisa narrativa, não existe uma única verdade (MELLO, 2004). Isso significa dizer que as interpretações feitas sobre determinado fenômeno são temporárias e vão depender de novas descobertas. A título de ilustração, pensemos nas ciências médicas. A cada nova descoberta feita por meio de testes em laboratório, novos protocolos são elaborados. Ao transpor esse exemplo para a pesquisa narrativa, podemos pensar que a interpretação que fizemos daquela narrativa poderá ser outra se observada de outra perspectiva, em outro momento ou mesmo por outra pessoa. Isso não quer dizer que vale tudo na pesquisa narrativa. Connelly e Clandinin (2004) afirmam que a interpretação deve ser plausível, apresentar construções coerentes e ser feita seguindo os critérios de temporalidade, lugar, aspectos pessoais e sociais da pesquisa, além das histórias dos participantes.

Diferentemente do que acontece em pesquisas quantitativas, na pesquisa qualitativa e, conseqüentemente, na pesquisa narrativa, a subjetividade do pesquisador não é desconsiderada, ao contrário, esta é levada em consideração na composição de sentido. Por isso a importância em se tratar a verdade como temporária. O que irá validar e dar credibilidade a essa interpretação e a tornará científica serão os procedimentos científicos adotados na pesquisa qualitativa e, mais especificamente, na pesquisa narrativa. Para Ely, Vinz,

¹⁰Para Clandinin e Connelly (1998), história é o texto de campo e se volta, principalmente, para a descrição ou narração temporal dos fatos ocorridos.

Downing e Anzul (2001), apesar de não tocarem explicitamente em questões de validação, discorrem que a leitura e discussão em grupos de apoio possibilitam ao pesquisador a visão do fenômeno em diferentes perspectivas. Ainda, para Bulloughs & Pinnegar (2001), quando as histórias contadas e os significados compostos a partir delas são reconhecidos por colegas de área (estudantes, professores, pesquisadores) como possibilidades factíveis nos contextos em que estão inseridas, também é um indício de que há verdade na análise.

Dito isso, é importante entendermos que a investigação de fenômenos não se pauta apenas por um tipo de método e que existem diversas formas de refletir e interpretar um fenômeno. Os caminhos que permitirão essa análise é que precisam estar claros e bem definidos para que não haja invenção ou omissão de verdades.

Na seção a seguir, apresento alguns instrumentos utilizados na pesquisa narrativa para coletar as narrativas que comporão determinado estudo.

5.1 Instrumentos de coleta de narrativas

Instrumentos de coleta de narrativas são os meios utilizados pelo pesquisador para coletar o material que irá compor seu estudo. Como o objetivo de um pesquisador narrativo é conhecer as histórias sobre as experiências de seus participantes de pesquisa, essa tarefa pode ser realizada de muitas maneiras. Telles (1999) nos oferece alguns exemplos: histórias, anais e crônicas, fotos, caixas de recordação, diários, entrevistas.

As histórias, contadas ou escritas, são aquelas relatadas pelos participantes de pesquisa. Além de fatos marcantes, elas podem revelar o que Clandinin e Connelly (1995) chamam de histórias sagradas, ou seja, teorias, dogmas ou eventos não questionados pelas pessoas.

Os anais são listas de datas ou momentos significativos. Já as crônicas consistem de uma fase mais à frente dos anais, pois, além das datas dos eventos importantes, os participantes precisam tematizar esses períodos.

As fotos, bem como vídeos, podem funcionar como instrumentos de coleta, uma vez que possibilitam lembranças e memórias dos participantes. Olhar as fotos e tentar verbalizar as sensações e pensamentos que elas suscitam pode ajudar na interpretação e composição de sentidos.

Numa função muito parecida com as fotos, a caixa de

recordação também auxilia o participante na rememoração de fatos e eventos marcantes.

Os diários permitem ao pesquisador anotar suas descrições, reflexões, dúvidas sobre os eventos experienciados. Desde o início, é preciso definir se eles serão públicos ou particulares.

Por fim, as entrevistas, abertas ou direcionadas a algum assunto, também funcionam como instrumento de coleta na pesquisa narrativa.

A lista de instrumentos possíveis para auxiliar a pesquisa narrativa é ampla. Contudo, é preciso ter em mente os objetivos do estudo para não utilizar de maneira equivocada as ferramentas.

A seção a seguir encerra este capítulo e objetiva estabelecer uma ponte entre a pesquisa narrativa e suas contribuições metodológicas para o ensino profissional e tecnológico.

6. A pesquisa narrativa no contexto do Ensino Profissional e Tecnológico (EPT)

Uma herança que carregamos até a atualidade é a distinção que se faz entre teoria e prática. Não é raro ouvir um estudante reclamar de uma instituição por ter ensinado apenas a teoria, e não a prática de sua profissão. Por outro lado, um profissional que já está no mercado de trabalho, mas que não aprendeu seu ofício por meios institucionais, pode sentir a necessidade de um conhecimento mais formalizado e sistematizado. Considero importante, sobretudo no contexto de ensino profissional e tecnológico, que teoria e prática andem juntas na constituição, consolidação e reflexão de conhecimentos. Nessa perspectiva, a pesquisa narrativa tem muito a contribuir.

Telles (1999) afirma que há conflitos nas salas de aula brasileiras no que diz respeito ao conhecimento pedagógico e intelectual de professores: muitos teóricos creem que o professor tem o papel apenas de executar aquilo que eles (teóricos) prescrevem, sem dar espaço para contribuições. “Raramente, o professor é considerado como possuidor de um conhecimento pessoal prático, advindo de suas experiências de vida e das histórias que vive com seus alunos em sala de aula ou com seus colegas e superiores, em seu ambiente profissional” (TELLES, 1999, p.2). É como se a prática em sala de aula não concedesse ao professor conhecimentos e experiências que poderiam, também, contribuir para a elaboração ou reformulação de teorias.

Dessa forma é necessário que sejam criados “métodos

de pesquisa e abordagens [...] que proporcionem espaços seguros de criação de oportunidades para professores e professoras recuperarem, reconstruírem e representarem os significados de suas experiências pessoais, pedagógicas [...]” (TELES, 1999, p.2). Com o intuito de promover, portanto, esse espaço de prática docente e dar voz e visibilidade ao professor, mas também aos alunos, gestores, funcionários da escola etc, é que a pesquisa narrativa está sendo apresentada neste capítulo. Busco, com isso, apresentar uma metodologia que ouve as histórias de pessoas, daqueles que participam da experiência em sala de aula e ajudam a construir o ambiente da escola. A partir da experiência (prática), esses agentes poderão participar da construção do conhecimento (teoria) e, assim, contribuir para a reflexão de suas ações e atitudes no ambiente escolar.

A pesquisa narrativa permite que os participantes sejam agentes e criadores de suas próprias representações, uma vez que são convidados a contar e reviver suas experiências profissionais e pessoais por meio dos movimentos de dentro para fora e de trás para frente (CLANDININ & CONNELLY, 1998), conforme delineado neste capítulo.

Até aqui, falei especificamente sobre a comunidade escolar e como a pesquisa narrativa pode auxiliá-la na compreensão de suas experiências em sala de aula. Contudo, a pesquisa narrativa pode ser desenvolvida em diferentes contextos. Mello (2004) nos diz que:

A Pesquisa Narrativa vem sendo desenvolvida em diversas áreas e em relação às organizações, por exemplo, é possível desenvolver pesquisa narrativa com o intuito de dar voz aos funcionários das empresas sobre os processos nela vividos. Em geral, as pesquisas do mundo administrativo nas corporações voltam-se para o que pensam os gerentes, diretores e executivos, deixando a grande massa operária de fora das pesquisas qualitativas (Czarniawska, 1997). Parece interessante abrir espaço para que se ouça as histórias dos trabalhadores em relação às estratégias empresariais adotadas, considerando seu conhecimento prático profissional relacionado com a empresa. Essa é uma proposta de Pesquisa Narrativa que não necessariamente enfocaria as histórias pessoais dos participantes (p. 100).

A proposta da pesquisa narrativa, portanto, se expande para outros ambientes, condição que favorece, também, a realização de pesquisa em empresas, fábricas, enfim, locais de trabalho de futuros técnicos e tecnólogos.

O que não se pode perder de vista na pesquisa narrativa

é seu caráter emancipatório. Por meio da contagem e recontagem de histórias, das reflexões acerca de experiências pessoais e profissionais, a pesquisa narrativa busca a transformação do agente através dele mesmo, pois, ninguém é capaz de mudar o outro a não ser ele próprio. O que um pesquisador narrativo pode fazer é propiciar uma auto reflexão aos profissionais envolvidos na pesquisa para que, em conjunto, analisem suas posturas e posicionamentos nos contextos em que habitam (TELLES, 1999).

Em resumo, a pesquisa narrativa é uma metodologia possível de ser desenvolvida no contexto de ensino profissional e tecnológico, pois considera tanto a experiência pedagógica do professor como a experiência de aprendizagem dos alunos; ademais, pode contribuir para o processo de desenvolvimento profissional de técnicos e tecnólogos de maneira participativa e emancipatória. É possível, ainda, contribuir para a formação de um profissional reflexivo, conhecedor de si, dos que estão à sua volta e do que é capaz de realizar com sua prática.

7. Considerações finais

Este capítulo teve como objetivo apresentar o panorama das pesquisas narrativas desenvolvidas na atualidade, segundo as cinco dimensões delineadas por Gary Barkhuizen (2020). Discuti brevemente os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa, segundo os autores canadenses Clandinin e Connelly (2000), e apresentou instrumentos utilizados na pesquisa narrativa para coletar as histórias de seus participantes. A partir dessas reflexões, a pesquisa narrativa é vista como uma possibilidade metodológica a ser utilizada no contexto de ensino profissional e tecnológico.

8. Referências

BARKHUIZEN, Gary. **Narrative knowledging**. In: TESOL. TESOL Quarterly, 45(3), 391–414, 2011.

_____. **Core dimensions of narrative inquiry**. In: HEATH, Rose; MCKINLEY, Jim. The Routledge handbook of research methods in applied linguistics (pp. 188-198). London: Routledge, 2020.

BULLOUGH, R.V., Jr. & PINNEGAR, S. E. (2001). **Guidelines for quality in autobiographical forms of self-study research**. Educational Researcher, 30 (3), 13-22.

CLANDININ, D. J. & CONNELLY, F. M. **Teacher Professional Knowledge**

Landscapes. Toronto: OISE Press, 1995.

_____. **Personal experience methods.** In: Denzin, N. & Y. Lincoln (Eds). *Collecting and Interpreting Qualitative Materials.* Thousand Oaks, Ca: Sage Publications, 1998.

_____. **Narrative Inquiry:** experience and story in qualitative research. San Francisco, CA: Jossey Bass a Willey Company, 2000.

CLANDININ, D. Jean; ROSIEK, Jerry. **Mapping a landscape of narrative inquiry:** borderland spaces and tensions. In: *Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology.* Thousand Oaks: Sage, 2007.

CONNELLY, M & CLANDININ, D.J. **Narrative Inquiry.** *Complementary Methods for Research in Education,* 3rd Edition, Washington: American Educational Research Association, 2004.

DE FINA, A. **Narrative analysis.** In: Z, Hua (Ed.). *Research methods in intercultural communication: A practical guide* (pp. 327–342). Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The sage handbook of qualitative research.** Thousand Oaks, CA: Sage Publication, p. 695–728, 2005.

ELY, M.; VINZ., R; ANZUL, M.; & DOWNING, M. **On Writing Qualitative Research:** living by words. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2001.

HAYATI, D; KARAMI, E.; SLEE, B. **Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty.** *Social Indicators Research,* v.75, p.361-394, Springer, 2006.

Hooks, B. **Teaching to Transgress:** education as the practice of freedom, New York: Routledge, 1994.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Dilma Maria de. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências:** buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de Letras. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa:** uma introdução. Versão 16 Abr 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>.

TELLES, João A. **A trajetória narrativa:** histórias sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica. *Trabalho de Linguística Aplicada, Campinas,* (34): 79-92, Jul./Dez. 1999.

POLKINGHORNE, Donald E. **Narrative knowing and the human sciences.** Albany: Suny, 1988.